

PREÂMBULO

GESTOR CULTURAL

Ante o crescimento e a acentuada certificação do setor cultural, tem surgido – e se tornado indispensável – a figura do gestor, profissional específico, relevante, sensível ao conhecimento e às dinâmicas da arte e da cultura.

Trata-se de uma área de gestão com várias interfaces e dimensões interligadas às áreas educacional, social, política, empresarial, econômica, turística, ambiental, tecnológica, ética etc.

Somos uma sociedade em rápida transformação, com avanços significativos, mudanças palpáveis a cada instante e a cultura – com suas nuances econômica, educacional e afins – vem exigindo maior atenção das autoridades, empresários e sociedade em geral. Aí estão os aspectos e espaços turísticos, ambientais, artísticos, o que significa a sintonia de ideias de interesse comum, de construção coletiva, a compreensão da realidade em nosso entorno e sua interconexão com o mundo globalizado.

A questão artístico-cultural é sumamente associada ao conhecimento político, sociológico, antropológico, à comunicação, à informação, economia, administração, direito e tecnologia aplicáveis. Autoridades e sociedade devem entender a real importância da cultura e da arte no contexto político, social e econômico do meio, envolvendo o amadurecimento de uma consciência, projetos e ações estratégicas que tornem a cultura um dos pilares da governabilidade e sustentabilidade social da Nação.

Comunidades, como a nossa e da região, só crescerão com a disponibilização de recursos financeiros e humanos na área cultural, dada a potencialidade econômica de nossas seculares tradições, nossas raízes nas áreas de gastronomia, artesanato, artes, agroindústrias caseiras etc. E o quanto poderemos crescer se adicionarmos pesquisas, inovação, tecnologia, logística aos já mencionados valores e tradições?

Quando teremos administradores públicos responsáveis, conscientes da importância de se apoiar efetivamente o artesão, o pequeno produtor-empreendedor, o pesquisador, suas instituições (associações, cooperativas, oficinas, ateliês) sabendo-se da geração de renda, empregos, dos atrativos turísticos e econômicos daí advindos?

Quando o Poder Público e sociedade entenderão a importância de apoiar a implantação de iniciativas e arranjos produtivos, de se formar e valorizar bons empreendedores e gestores?

Algumas providências imediatas na área de gestão cultural:

- Organização das instituições culturais, públicas ou privadas e de terceiro setor do Município
- Apoio efetivo pelo Poder Público às organizações existentes e estímulo à criação de novas (onde se façam necessárias)
- Inventário das manifestações culturais, artísticas e afins da comunidade, formais ou não.

AO PÉ DA FOGUEIRA

A BARRIGA VAZIA

Era daqueles fazendeiros à antiga, reservados, desconfiados, pouca trela, a mínima - praticamente nenhuma - rela com estranhos. Célebre por sua apatia, olhar mortiço, semblante espantadiço, excêntrico mutismo, quando defrontava gente de fora. "Enviesado", "esconso", eram adjetivos que moradores da redondeza o denominavam. Poucos viajantes, mesmo vizinhos evitavam adentrar as divisas de sua vasta propriedade, chegar-lhe à porteira do curral. Subir as cancelas e escadarias da sede, somente em casos extremos, para se tirar o pão da forca, de sangria desatada.

Vida ora mansa, ora agitada por aqueles sítios e bandas. Lida com gado, ordenha das dezenas de vacas crioulas, desnatação do leite,apanhado de café, engenho roendo, esmagando cana, estação de moagem, moinho d'água batendo tramela, noite e dia, seca e água.

Certa tarde, um viajante vindo dos lados de Bom Sucesso ou Nazareno perde-se por aquelas esburacadas, empoeiradas trilhas. Vendedor de rações, de uma empresa sul-mineira, visitando pela primeira vez, esses nossos ermos e montantes. Justo, ao passar pelas proximidades, praticamente rente à entrada da propriedade, o veículo sofre uma pane, engasga, esquenta sobremaneira, problema de velas, carburador, essas coisas... Tossindo, espirrando, acaba na porteira do curral. Mês de junho, noite rugosa se fechando rápida, os últimos pássaros buscando ninho.

Pouco entendido em mecânica, o viajante ainda tenta dar partida no veículo, que rateia, resfolega, esmorece. Esforços infrutíferos. Sem telefone, desnorteado, recorre ao fazendeiro rogando pernoitar por ali, até que encontrasse solução na manhã seguinte. A contragosto, ressabiado, o sisudo proprietário convida-o a entrar, confinando-o à sala. Adentra o interior da sede, retornando daí a tempos.

Avisa ao forasteiro: - Aqui deitamos cedo, E é nosso costume lavar os pés antes de ganhar o leito. O moço aceita?!

Faminto, viajando há horas, por aqueles labirínticos caminhos, barriga roncando de tão vazia, barulho repercutindo fundo nas costas, não percebendo, por parte do forçado anfitrião, nenhuma oferta de alimento, no titubeio, redargue:

- Será que não faz mal lavar os pés estando com a barriga tão vazia?!

(Uma outra versão diz que, não sendo lhe oferecido nenhum alimento, e preparando-se os moradores da fazenda para deitar, o viajante faminto vale-se de uma sutileza, um estratagema, um insight, solicitando um copo d'água ao proprietário. Assim que este retorna com a água, o viajante questiona: - Será, meu senhor, que tomar esta água, estando faminto como estou, não fará mal?).



ADIVINHAS

1- Se ontem fosse amanhã, hoje seria sexta feira. Que dia é hoje?

2- O que é, o que é, sempre cai, mas nunca se machuca?

3- O que é que tem capa mas não é super-homem, tem folha mas não é árvore, tem orelha mas não é gente, e é surdo mas conta tudo?

Respostas: 1- domingo; 2- chuva; 3- o livro

Provérbios e Adágios

- Ajoelhar com o joelho do outro
- Colocar tranca antes da porta (ser) arrombada
- Cada cavalo tem o seu lado de montar
- Por enquanto é só a bainha – a espada virá depois.



Para refletir:

- Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da Criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante (*Albert Schweitzer*)
- Purifica o teu coração antes de permitires que o amor entre nele, pois até o mel mais doce azeda num recipiente sujo (*Pitágoras*)
- O que se faz por amor está além do bem e do mal (*Nietzsche*)

A distância faz no amor aquilo que o vento faz ao fogo: apaga o pequeno e inflama o grande (*Rabutin*)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CÓMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG
CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:

SICOOB
Credivertentes

BOLETIM NOVA FORMATAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE PÁGINAS

A partir deste número e mês, o boletim passa a contar com nova disposição gráfica (layout), ainda que modesta (contando, para tal, com o apoio, sem ônus, da empresa Mapa de Minas, a quem agradecemos) e ainda com a ampliação do número de páginas. O objetivo é o de consolidar e vitalizar o “jornalzinho”, como muitas pessoas, carinhosamente, o denominam, abrindo-se mais espaço, ademais, para a divulgação da cultura e história regional.

Em julho de 2007, lançávamos, de forma experimental, o primeiro número do boletim. Algo despretensioso, quase informal, sumamente simples, parco até (como o é até hoje). A ideia original era de números esporádicos, dentro das nossas condições de elaboração e publicação. Vão-se lá, contudo, 8 anos de ininterruptas edições!

Externamos aqui nossa gratidão a todos quantos nos auxiliaram e o continuam fazendo. Redatores, pesquisadores, articulistas, revisores, digitadores, distribuidores, a empresa Mapa de Minas, o realizador S.CrediVertentes, patrocinador Cooperbom, nossos apoiadores culturais como Prefeitura Municipal, Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, Instituto Educ. São Tiago Apóstolo/Banco de Dados Culturais, Focest e demais incentivadores.

O profundo agradecimento aos leitores, aos colaboradores anônimos que contribuem financeiramente, alguns até frequentemente e com valores substanciais, para a manutenção do boletim. Por razões de modéstia e generosidade, solicitam não registrar seus nomes. Deus ilumine, fortaleça, cubra de bênçãos a todos, porquanto estão colaborando ativamente para a cultura e a memória de nossa cidade e região e tem, assim, seus nomes inscritos perante o Altíssimo e a história humana.

Não podemos deixar de registrar ainda o carinho e a benevolência de leitores, conterrâneos, amigos da cidade e da cultura, que prestigiam o boletim, nos cumprimentam, enviam e-mails, telefonam, apoiam por qualquer meio, a iniciativa!

A todos, a mais profunda gratidão!

EFEMÉRIDES DE 2015

- 29/08/1825: Alvará Imperial cria a Freguesia de Bom Sucesso, formada pelas Paróquias de Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo e São Tiago (desligando-as da Paróquia de São João del-Rei, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar).

- 16/05/1855: Elevação da Vila de São Tiago à categoria de Freguesia por intermédio do Bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso por meio da Lei Mineira de nº 727, assinada pelo presidente da província, Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.

- 16/06/1855: Instalação canônica da Freguesia de São Tiago (160 anos).

- 12/11/1875: Nascimento de dona Clara Maria Alvim, 1ª agente dos Correios de São Tiago.

- 25/09/1885: Falecimento do Sr. Patrício Lopes de Sousa (são-tiaguense, seranista desbravador do Noroeste Paulista e Sul do Mato Grosso – início do séc. XIX)

- 19/11/1915: Centenário de nascimento de Monsenhor Francisco Elói de Oliveira.

- 12/08/1925: Inauguração da Usina Hidrelétrica de São Tiago (Força e Luz Santiaguense).

- 25/07/1955: Inauguração do Estádio do Cruzeiro E.C. (hoje Estádio “Geraldo Caputo”).

- 11/08/1955: Falecimento do Padre José Duque de Siqueira.

- 23/05/1975: Falecimento do Sr. Octávio Leal Pacheco (ex-prefeito de São Tiago).

- 10/04/1985: Instalação da Escola Estadual “Farmacêutico Henrique Pereira Santiago”.

- 14/05/1985: Falecimento de Padre Tiago de Almeida.

Patrocínio:



Apoio Cultural:





CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ARTIGO
“GERALDO ZUMBA”,
PUBLICADO NO BOLETIM SABORES E SABERES,
Nº XCI- ABRIL DE 2015

GERALDO FELICIANO DE LUCA (GERALDO ZUMBA)

Geraldo Zumba talvez fosse portador de hiperatividade, déficit de atenção, ou síndrome do pânico ou, seja, de algum distúrbio comportamental advindo de alguma disfunção cerebral e/ou emocional, assim como eram denominadas caducas pessoas portadoras do Mal de Alzheimer.

Gracas aos avanços das pesquisas científicas, as manifestações de distúrbios mentais, que geram distúrbios de comportamento, ganharam nomes cientificamente diferentes. Não há muitos anos, os educadores não conheciam os nomes dislexia, dislalia, hiperatividade, déficit de atenção, autismo, epilepsia, esquizofrenia, psicose, transtorno bipolar etc. Hoje, mal se observam dificuldades de comportamento e/ou de aprendizagem em uma criança, faz-se o encaminhamento dessa criança a um profissional especializado para avaliação. Comprovada alguma deficiência a criança/aluno(a) receberá tratamento adequado para amenizar o distúrbio apresentado. Há também os médicos especializados em geriatria, que cuidam das pessoas portadoras de Alzheimer, Parkinson e outros distúrbios neurológicos, psicológicos/ emocionais.

Muitas pessoas portadoras de transtornos cerebrais, físicos, emocionais eram discriminadas, rotuladas de doidas, idiotas, bobas, em muitas das vezes afastadas do convívio social, segregadas no próprio lar, em asilos e/ou manicômios.*

Ainda hoje, apesar dos avanços das pesquisas científicas, o homem continua a ser um mistério, devido à complexidade de sua formação corpo-mente-espírito.

Em nossa família, observando o passado e o presente, veilha que sou, venho constatando as manifestações de distúrbio comportamental/mental em alguns familiares. Se antes pensasse que era um ou dois, analisando, concluo que há vários, muitos casos desses. Como sou leiga no assunto, não posso falar da origem das deficiências que tanto maltratam os portadores das mesmas e suas famílias.

Geraldo “Era de comportamento à vezes atabaolhado, “sorneiro”, imprevisível, no qual se misturavam certa limitação motora e alguma inabilidade e afoiteza operacionais” - (Boletim Sabores e Saberes, nº XCI, abril de 2015). Devido a esse tipo de comportamento, Geraldo era discriminado pela sociedade

e por muitos familiares próximos, bem como tios e primos.

**Veja o livro Holocausto de Barbacena, da autora Daniela Arbex, que relata as torturas dos manicômios de Barbacena e Belo-Horizonte. Geraldo foi encaminhado para o de Belo Horizonte, de onde não mais voltou. Edmar, seu filho, trabalhava na pensão de D. Nair Mendes, em BH, e não teve conhecimento da morte do pai e ainda tem muita tristeza guardada no coração. Somente mais tarde veio a saber do ocorrido.*

Além da manifestação anormal de comportamento, comum a outras pessoas da família, Geraldo vem de um sofrimento indescritível de doenças e pobreza no lar. Dos bens herdados dos avós maternos, nada sobrou. A casa onde moravam foi construída por meu avô, José Pedro Caputo (Zé Sapecado), irmão da Tia Nhanhá, mãe de Geraldo. Na casa De Geraldo não haveria, certamente, meia dúzia de copos para serem atirados para se quebrarem. Havia ali canequinhas de lata que o folheiro colocava asas, o que era usual em muitas casas, inclusive na nossa. Não tive conhecimento da existência de cristaleira e muito menos de pratarias e porcelanas. Ali, a pobreza extrema reinava.

Ficou a dor de muitas perdas, tantas, que podem formar um livro repleto de tramas e sagas reais. Um livro que os amantes de leitura, talvez, gostassem de ler.

Para pessoas da família, que deram seu depoimento ao Boletim, sugiro que pensem em antepassados seus, próximos ou mais distantes que tiveram comportamentos semelhantes ao de Geraldo. Alguns que herdaram no DNA estão aqui vivendo.

Geraldo deixou dois filhos, Edson e Edmar, que também têm filhos. Todos descendentes de Geraldo e Antônia. Se têm conhecimento do artigo publicado no Boletim Sabores e Saberes, devem estar muito ofendidos e humilhados, porque eu me senti e ainda me sinto extremamente ofendida.

De onde viemos? A quê viemos? Para onde vamos? – recomendo a leitura, senão dos antigos Filósofos, pelo menos a do famoso O Mundo de Sofia, mais moderno.

Ermínia Caputo

BRINCADEIRAS DE RODA

Temos reproduzido, vez e outra, em nossas páginas, letras de cantigas de roda- brincadeiras tão comuns no passado, envolvendo todas as crianças da vizinhança e que enriqueceram sobremaneira nossas infâncias – com o objetivo de registro/ resgate folclórico cultural. Aquelas (letras) que lembramos ou que se acham anotadas, vamos publicando. Quem sabe, aquele nosso velho sonho de contarmos com uma oficina lúdica e coreográfica entre nós, um dia sai... Algum dia teremos decerto administradores públicos e empresas ou mecenas sensíveis a um projeto desta natureza!

Ainda não comprei,
Mas irei comprar
Um vestido branco
Para apaixonar

1

Vai de roda em roda,
Vai de flor em flor,
Vai de braço dado
Com seu lindo amor

(Uma menina fica de fora, é a "bela pastora")
Lá no alto daquela montanha
Avistei uma bela pastora
Que dizia, em sua linguagem,
Que queria se casar

Bela pastora entrat na roda
Para ver como se dança
Uma volta, volta e meia,
Meia volta, vamos dar

(A "bela pastora" entra na roda, recitando um versinho)

"Por que choras?"
A minha francesinha
Não tinha ninguém
Amei-a com ternura, porém
Uma vez, passando eu em Paris
Por acaso, outra vez a sorte quis
Que eu a amasse e me tornasse
De toda a terra o homem mais feliz

"São Jerônimo"
São Jerônimo está em casa?
Não está, não senhor
Tira saca, bota saca
Na casaca do Nhonhô
(As crianças, em número par e, em pares, dão-se as mãos, levantando os braços formando uma casinha. Organiza-se uma fila e a primeira vai passando pelas outras até chegar ao fim, repetindo o cântico várias vezes)

"Miudinho"
A Maria entrou na roda
Prá dançar o miudinho
E tirou a Lúcia
Prá não dançar sozinha

Oh! Dança! Oh! Dança!
Oi torna dançar
Vamos dar a meia volta,
A Lúcia vai me tirar

(As crianças, de pé, em forma de círculo, cantam e acompanham a melodia com palmas, sendo que, quando a menina do centro está demorando a tirar a companheira, o ritmo fica mais apressado. A única pessoa que dança é a menina do centro. Vai-se mudando a do centro até todas dançarem)

A Barquinha
A barquinha virou
Lá no fundo do mar
Foi por causa da Glória
Que não soube remar

5

Tiririm prá cá!
Tiririm prá lá!
A Glória é velha
E ainda quer casar
(As crianças, de mãos dadas, formam uma roda. Vão cantando e ao chegar "tiririm", colocam as mãos na cintura, requebram e viram de costas, uma de cada vez, até que todas fiquem de costas, cantando várias vezes a melodia)

A Dança da Carranquinha
A dança da Carranquinha
É uma dança estrangolada
Que bate o joelho em terra
Faz o povo ficar pasmado
Carranquinha sacode a saia
Carranquinha levanta os braços
Carranquinha por ti eu morro
Carranquinha me dá um abraço
(As meninas andam ao compasso da música. Ao chegar ao "me dá um abraço", a do centro abraça outra menina e trocam de lugar; a da roda para o centro e a do centro para a roda)

6

Ó Bobão
O bobão entrou na roda, o bobão!
Ele é um toleirão, o bobão!
Está vendo o anel passar, o bobão!
Ele fica pela mão,
Ele vai, vai, vai;
Ele vem, vem, vem
Ele por aqui passou
(É colocado um anel em um cordão, de maneira que fique livre para andar de mão em mão. O cordão é colocado no centro da roda, de forma que todas as crianças toquem no anel. Uma das crianças fica no centro, tentando adivinhar onde está o anel; assim que adivinha, outra criança vai para o centro)

7

Vou passear na floresta
 Vou passear na floresta (bis)
 Enquanto o seu lobo não vem (bis)
 - Tá pronto seu lobo ?
 - Tô vestindo a calça
 (Uma das crianças fica sendo o lobo. As outras passam cantando por ela e perguntam: - Está pronto? Cada vez que passam, ele está se vestindo. Quando finalmente fica pronto, sai correndo atrás das demais crianças e a que ele pegar fica sendo o lobo. Assim prossegue a roda)

8

Margarida vai à fonte
 Margarida vai à fonte (bis)
 Para encher o cantarozinho (bis)
 Rolam lírios pelos montes (bis)
 Vai à fonte e vem sozinha

11

Linda flor desconhecida (bis)
 Que o sol beija ao nascer
 Deixa-te estar escondida (bis)
 Nessa paz de teu viver

9

Eu fui no Itararé
 Eu fui no Itararé
 Beber água e não achei
 Dei adeus à morena
 Que no Itararé deixei

 Acredite, minha gente,
 Que uma noite não é nada
 Se não dormir à noite
 Dormirei de madrugada

10

Quero ver a Margarida
 Quero ver a Margarida, olê, olê, olá
 Quero ver a Margarida, olê, seus cavaleiros
 Mas o muro é muito alto, olê, olê, olá
 Mas o muro é muito alto, olê, seus cavaleiros

Tirando-se uma pedra, olê, olê, olá
 Tirando-se uma pedra, olê, seus cavaleiros
 Uma pedra não faz falta, olê, olê, olá
 Uma pedra não faz falta, olê, seus cavaleiros

Descobri a Margarida, olê, olê, olá
 Descobri a Margarida, olê, seus cavaleiros
 (As crianças formam um círculo; uma delas anda ao redor, cantando a primeira estrofe. As crianças que formam o círculo cantam a segunda estrofe. A menina que se encontra de fora vai tirando as demais do círculo, enquanto canta a terceira estrofe, variando sempre o número de pedras, até que tira todas as crianças que formam o círculo. Dessa forma, a Margarida que se encontrava oculta no centro do círculo é agora descoberta e todos dão vivas a ela)

CANÇÃO FOLCLÓRICA

Numa lenda do Norte, contam, com sin-geleza, o amor de um guerreiro, que amava uma princesa. O pobre namorado andava apaixonado pelas florestas negras sem fim, a suspirar assim:

- O minha Carabô, dou-te o meu coração,
 És a minha paixão,
 Para mim, só tu, minha Carabô

Um dia, foi pedir a mão
 À sua bela imagem,
 Mas, no caminho, encontrou
 Uma tribo selvagem
 Ouviu-se um grito forte,
 É condenado à morte
 E a Carabô, pobre infeliz,
 Chora enquanto diz:
 - O minha Carabô
 Dou-te o meu coração, és a minha paixão
 Para mim só tu, minha Carabô

E a cabeça enquanto rolava
 Baixinho ainda murmurava:
 - O minha Carabôooo....

(Fonte: "Memórias e Sociedade - Lembranças de velhos", Ecléa Bosi, Cia. das Letras)

CANTIGA DE NINAR

Maria lavava
 José estendia
 E o menino chorava
 Do frio que fazia
 - não chores, filhinho
 Não chores, meu amor
 Não chores, filhinho
 Não chores, minha flor

Sobre "Brincadeiras de roda" ver matérias em nossos boletins nº's: XXXI – Abril/2010; LXX – Julho/2013; LXXVI – Janeiro/2014 e LXXXIII – Agosto/2014

O CARONEIRO

Transportava minério das usinas da COSIN situadas em Mercês de Água Limpa e Nazareno para Pedro Leopoldo. O caminhão Mercedes carregado geralmente ao amanhecer, vergado pelas toneladas de rocha, gemia, ao longo dos dias, semanas e meses, sob sol inclemente ou chuva torrencial, por essa longa Fernão Dias. Serviço estafante, pouco rentável. Combustível, peças, pneus, oficina mecânica, alimentação sugavam praticamente toda a receita auferida.

Como ponto de parada, o posto próximo à entrada de Igarapé. Almoço, lanche, banho, abastecimento de óleo diesel eram ali sagrados. Tornara-se assim conhecido dos funcionários e de muitos outros caminhoneiros que, habitualmente, paravam por ali.

O gerente da empresa, certo dia, aproxima-se álacre, uma leve batida nas costas e informa-se:

- Você está indo para o sul?
- Até o trevo de Santo Antônio do Amparo. Lá viro para Bom Sucesso e daí até a COSIN...
- Você já está de saída, não?!
- Sim. Como você vê, o caminhão já está para ser ligado. Na verdade, já estou um tanto quanto atrasado. A essa altura, eu já deveria estar longe...
- Você podia me fazer um favor... e dos grandes!?
- Se estiver ao meu alcance...
- Dar uma carona para um senhor aqui...

O gerente afasta-se e daí a um ou dois minutos, aproxima-se um estranho, assustando, de imediato, o caminhoneiro. Uma figura descomunal, corpanzil amedrontador, aspecto sombrio, carrancudo, portando pesada e rechonchuda mala, uma espécie de canastra, de bordas rígidas, estufadas e que ameaçavam, a qualquer momento, se romperem.

- Você é o tal caminhoneiro que vai me dar carona?
- sim...

O desconhecido abre, com toda estridência, a porta do lado do caroneiro e atira impetuosamente a bagagem no assoalho, fazendo sacolejar o veículo, levantando poeira e pó de minério por todos os lados. Um ruído ensurcedor, resvalar e atritar surdo de ferramentas. Olhar esfuziante, um rictus de raiva aflorada no canto da boca babujada, braços tensos lançados ao ar e que, por momentos, se agarram à porta, de forma a impulsionar aquele corpo de Golias, de orangotando, ao interior da boleia.

Entrando na rodovia, alguns minutos transcorridos, o brutamontes vocifera, aturdindo de todo o motorista:

- se eu não saio dessa joça aí atrás, (referindo-se ao posto de gasolina), eu tinha feito uma besteira: eu tinha sangrado aquele gerente... Ah, isso sim!...

- Cruz credo! Vade retro! Que conversa é essa, amigo?!

- É a pura verdade. Ia fazer uma besteira... melhor dizendo uma limpeza... Trabalhei ali algum tempo e ele sempre pegando no meu pé... Fizemos um acerto de meia tigela, deu-me umas patacas, uns reisinhos de nada e por fim, o pé no traseiro...

Engastou, pigarreou: - agora estou indo prá São Paulo tentar a sorte

Novo silêncio, coisa de segundos, e eis o ambiente sacudido por novo trovão:

- Aliás, estou precisando de uns 200 reais, no mínimo... Alguém vai me arrumar...

- A vida tá difícil, amigo... A carestia anda solta, brava. Eu mesmo "pasto" nesse caminhão. Eito duro, dia e noite, patrão unha de fome, tem dia que não tenho nem para um lanche, um pãozinho com manteiga... Almoço então nem pensar. Barriga vazia, funda roncando lá nas costas...

O caminhoneiro tenta desconversar, que o panorama não estava bem. Percebera a intenção do estranho.

- Hmm.... Preciso muito desses trocados. E é VOCÊ quem vai me arrumar o dinheiro!

- Pelo amor de Deus, amigo! Sou empregado... Já te expliquei – bolso sempre liso, pindaíba direto, dinheiro nem prá colocar



o feijão em casa, família com necessidades diárias.....

O homem abaixa-se, abre abruptamente a caixa, de onde podia-se observar uma quantidade infinda de ferramentas, e dela retira uma faca dessas de sapateiro, de cortar solado de couro e um esmeril. Passou a polir a faca, atritando e deixando correr cuidadosamente a lâmina sobre a mó, fazendo saltar breves e minúsculas faíscas e comprimindo-a entre os grossos, graxos dedos, confidenciava-lhe:

- Faca, faca, você sabe que eu não queria, mas você vai ter que trabalhar...e bem! Serviço de espadachim a te esperar...E prá agorinha mesmo!

Olhando de soslaio, astutamente, para o motorista:

- PESCOÇO de "nego" aqui vai rolar...

O caminhoneiro entra em pânico. Passa a rezar. Ali ameaçado de morte, em seu caminhão, à luz escaldante do dia, em plena rodovia federal. Pouco movimento na estrada àquela hora. Pensa na família. Mil imagens e conflituosas ideias vêm-lhe à cabeça, Indigna-se contra o gerente do posto que o colocara naquela angustiosa circunstância. Um pavor subcutâneo, gélido a atravessar-lhe o corpo todo.

Busca conversar, ganhar tempo, enquanto vasculha a mente intentando uma solução.

- Amigo, já lhe falei. Sou empregado, patrão sovina, não tenho dinheiro nem pro cigarro...

- Mas você tem conhecidos. Afinal, você é caminhoneiro velho de guerra. Pare no próximo posto e "pegue" o dinheiro emprestado como se fosse para você. Depois, na volta, você paga...

- Caminhoneiro mambembe, como eu, não tem crédito. A gente passa por aqui de passagem... não conheço praticamente ninguém...

Nisso, a faca tornou à tona, erguida rispidamente pelo estranho no ar e a essa altura, já quase à altura rocegando o pescoço do motorista. Um fio grosso de suor, um torpor percorrem-lhe todo o corpo, da planta dos pés à raiz dos cabelos.

- Você é quem sabe, companheiro! Não quer colaborar, a "mimosa" vai ter que entrar em ação... O teu prazo tá curto, muito curto aliás...No próximo posto, você para...

Nesse momento, o caminhão aproximava-se de Itaguara. Descida longa, declivada, sinuosa. O caminhoneiro, no limite da tensão, toma uma decisão arriscada. Simula um defeito no veículo. Disfarçadamente, dá golpes no volante, fazendo o caminhão oscilar e serpentejar pelo asfalto, insinuando problemas de freio, de freque, de pneu esvaziado ou até estourado. Em voz firme, ostentando pavor, enquanto busca reduzir a velocidade, mantendo-se à direita da rodovia, grita ao hirsuto caroneiro:

- Amigo, problemas...problemas!...E logo aqui nessa descida brava. Santo Deus! São Cristóvão, valei-nos! Vá lá atrás evê o que aconteceu... Afinal, você é mecânico entendido...

O estranho cai na encenação. Desce rapidamente em direção à traseira do veículo, momento em que o motorista desengrena e dispara curva abaixo. Pelo retrovisor, ainda vê o bestiaga tentando agarrar-se – e, por um triz, quase o conseguindo – à carroceria, caindo, todavia, no asfalto, sob mil imprecações e gestos obscenos terrificantes.

Trezentos metros adiante, reduz a velocidade, toma da colossal caixa de ferramentas e bradulaques, atirando-a à beira da rodovia. E pé na tábua...

Por meses e meses, evitou fazer ponto no posto de combustível de costume, fez uma ligeira pintura no veículo, temendo rever ou reencontrar-se com o assombroso algoz...

(Fonte: Sr. João Guimarães de Castro – “João do Benjamim”)



O MUNDO DE CADA UM



Na TV, por causa do horário de verão, o ano novo chegou treze horas mais cedo. O céu, colorindo o final de nossa manhã, trouxe beleza e esperança a um mundo cansado de crise econômica, roubalheira, violência e fanatismo. O espetáculo lúminoso começou em Pyongyang, na Coréia do Norte, Vitória e Sidney, na Austrália, caminhou para Awkland, na Nova Zelândia e alcançou Bangkok, na Tailândia. Enquanto os cenários iam mudando na tela, eu viajava no tempo e na memória.

Com a morte de Salvador Allende, presidente do Chile, no palácio de La Moneda, durante o golpe militar de Pinochet, a brutalidade entrou, instantânea, em nossas casas. Laércio Campos, saudoso amigo e compadre querido, impressionou-se por assistirmos a um episódio que acontecia praticamente diante de nossos olhos, transformando-nos em testemunhas oculares da História, como dizia o Repórter ESSO, numa época em que ninguém sonhava com tempo real.

Mais recentemente, pelo Face book, perguntei a Alice Barreto, filha dos amigos Ronaldo e Letícia: "Você, que está algumas horas à frente, o que vê por aí?". A resposta, singela, quase prosaica, foi: "Meu marido, trepado numa escada, pintando o teto."

Em 1994, dona Leontina e seus muitos filhos assistiram ao noticiário da Copa nos Estados Unidos. Quando o repórter, encerrando a matéria, diz "Direto de Los Angeles, para o Jornal Nacional", a matriarca faz um muxoxo e protestou, ofendida: "Hã, 'direto de Los Angeles'! Esse povo pensa que a gente é boba? Um solão desse lá e aqui com esse breu!". A filha mais velha perguntou se a mãe não lembrava da conversa das sobre fuso horário, a hora diminuindo no mapa da direita para a esquerda, acompanhando o caminho do sol. "Lá são quatro horas mais cedo mãe". Aflita, dona Leontina botou as mãos na cabeça e falou: "Aqui em casa, tem gente que frequenta centro espírita, uns são carismáticos, outros são crentes, tem quem goste de candomblé, de ler carta, de ler mão. Cada um faz o que quer, eu nunca importei. Agora, pelo Amor de Deus, gente, ocês me deixem quieta com minha religião!"

E tem o caso do cisterneiro que, cansado de furar sem encontrar água, perdeu noção de tempo e lugar. Lá do fundo, viu uma claridade na boca do poço, parecendo lua cheia. Quando o galo cantou no terreiro, pensou: "Já tá amanhecendo no Japão..."

Levado pelo patrão ao planetário, Sebastião saiu de lá apavorado: "Nunca pensei que a Terra fosse uma bola rodando solta, perigo de trombar, a gente despencar no espaço". Terminadas as explicações sobre órbitas, lei da gravidade, os astros girando na mais perfeita harmonia desde que o mundo é mundo, não se convenceu: "Ah, professor, mas isso é o maior perigo, agora não consigo mais dormir sossegado!!!"

De volta as férias, Beatriz mostrava para Maria, mestra em temperos e sabores, as fotos da praia. Maria parou numa onda enorme e falou, admirada: "já pensou, dona Beatriz, quando chega lá adiante, que baita cachoeirão não deve formar?

Na viagem de ônibus, um passageiro diz: "A gente está indo para o sul, não é?" Intrigado, o outro perguntou como ele sabia. "Pelo rumo do sol, uai: leste à direita, oeste à esquerda, norte à frente, sul atrás. Você não estudou isso no primário?". Com olhar vazio, o companheiro respondeu: "Ah, mas isso eu só sei quando estou lá em casa!"

Quando tio Joaquim foi à cidade pela primeira vez, Vovó Sebastiana ficou em casa, no Jacaré, pensando na aventura do filho. Na volta, todo animado, ele contou o que viu, o que fez, o que escutou, o que comeu, aonde foi, quem encontrou, o que gostou. Falava aos borbotões, tudo misturado no encantamento por conhecer Bonsucesso. A mãe quis saber: de tudo, o que ele mais havia gostado. Certeiro, o menino respondeu: "Uma velha comendo pão na janela."

Ao completar oito anos, Tiãozinho, montado em seu piquira pampa que acabara de ganhar, foi com o pai dos Romeiros a São Tiago. Ia todo intimidado, pois era a primeira viagem com as rédeas na mão. Antes, na garupa, só via as costas do cavaleiro no arreio e as coisas que passavam ao lado. Agora, com o mundo todo à frente, a viagem era outra. Na cidade, escutou conversa de homem na farmácia, ouviu música caipira no rádio do armazém, comprou bolinha de gude para enfeitar as vistas e invejar os irmãos, um canivete corneta, um pente flamengo e um espelhinho de bolso. Comeu pão de sal com sardinha e guaraná no bar antes de pegar a estrada de volta. Chegou em casa com o traseiro ralado daquele estirão de oito léguas, ida e volta. Mas a alma estava cheia de uma alegria nova. Quando perguntaram o que tinha achado da viagem, o menino estufou o peito e revelou sua importante descoberta: "Olha gente, quem quiser saber como este mundo é grande, viaje pros lados de São Tiago"!

O EMBUSTE

A construção da casa, iniciada há algum tempo, achava-se, no momento, totalmente paralisada. Coberto curto ou melhor verba curta, que os negócios de gado, por aqueles meses de estiada, estavam em banho maria, fogo brando, ebullição lenta.

O proprietário, um mercador de gado, decide vendê-la no ponto em que estava. Apenas paredes levantadas e já cobertas. O restante, tudo por fazer. Oferece o imóvel a um fazendeiro da região que necessitava de um ponto, um teto para acomodar a numerosa família na cidade, filhos todos em idade escolar.

Acertam a transação, tendo o comprador, na boa fé, efetuado o pagamento. Dinheiro no bolso, o vendedor promete dar escritura, a qualquer momento e que o novo proprietário poderia se utilizar, apossar-se, de pronto, do imóvel recém adquirido. É o que o laborioso, simplista fazendeiro faz: contrata pedreiros, adquire material de construção, e em pouco tempo, paredes rebocadas e pintadas, basculantes fixados, redes hidráulica e elétrica instaladas, banheiros prontos, piso por toda a casa...

Preparava-se o fazendeiro para a mudança, casa brilhando de nova, todo o entusiasmo da família, a empolgação da criança com a novidade, quando é procurado pelo vendedor, a cara mais lavada do mundo, cinismo a toda e qualquer prova:

- Sô CJ, lamento profundamente, mas não tenho boas notícias para o amigo... Reconheço que a minha presença aqui não é nada agradável...

- ???

- É que achei um bom preço para a casa que lhe vendi... E que, infelizmente não posso perder...

- O que tem essa notícia ou fato a ver comigo?! Comprei e paguei o imóvel, portanto assunto liquidado...

- Enganos, rebordosas que os negócios e a vida nos dão... O amigo não tem escritura, sequer compromisso de compra e venda, aliás nem testemunhas há...

- E daí? Aonde o sr. quer chegar?!

- É que se o amigo não cobrir a diferença de R\$ 20.000,00, proposta que recebi de outro interessado, o amigo ficará sem a casa...

- Mas e o que eu já lhe paguei? E os investimentos feitos por mim?

- Se o amigo não completar os R\$ 20.000,00, terá que me devolver a casa e sem nenhum reembolso pelo que já me "adiantou" e muito menos pelos acréscimos ali feitos, aliás sem minha autorização expressa... Como diz o populacho: Filho feito em barriga alheia, perde-se o filho e o feitio! Se resistir, pedirei reintegração judicial – aliás, já conversei com o advogado...

Percebendo que o fazendeiro – homem simples, idôneo, todo o patrimônio arrancado honesta, suadamente da enxada – entrara em estado de desespero, o mais extremado nervosismo, buscou ardilosamente acalmá-lo.

- Sei que o amigo já dispenderá muito dinheiro, seja comprando-me a casa, seja providenciando o seu acabamento que, aliás, ficou primoroso... Se não tiver os R\$ 20.000,00 de imediato, sei quem pode emprestar-lhe, será coisa de pai para filho... Não quero que tenha prejuízos...

Puxando, incontinenti, o fazendeiro pela mão, a essa altura inteiramente apavorado, sem tempo para respirar e raciocinar, fê-lo entrar em seu carro, conduzindo-o à casa de conhecido agiota, temido negocista local.

Era, na verdade, um jogo precombinado, uma tramoia entre duas raposas das mais astutas da cidade, habituadas a "depurar frangos". Encontram-no à porta de sua residência. Atendidos gentilmente pelo onzenário, o antigo dono toma a palavra, "expondo", tintim por tintim, ele próprio, as razões de suas presenças ali.

O agiota, após "ouvir" a história, faz-se de indignado, imprevi-



sível reação. Levanta-se num salto, toma do chapéu de palha que usava invariavelmente, mas na mão do que na cabeça e com ele aplica "vigorosos" golpes por todo o corpo do interlocutor – uma surra de chapeladas, enquanto o insulta e o exprova veementemente:

- Seu crápula! Seu cafajeste! Sua ratazana! Então, você vende uma casa inacabada, um esqueleto, passa a perna no outro, recebe o dinheiro, não dá escritura e depois que o comprador termina a construção, você o chantageia...

Dá uma pausa – daquelas pensadas, estudadas – e prossegue, "colérico":

- Mas, deixa estar. Ele, o sr. CJ, cidadão íntegro, aqui à minha frente, tem amigos fiéis como eu e vou ajudá-lo, com todas as minhas forças, a sair dessa enrascada, dessa peçonha, de seus laços de víbora...

Tudo, obviamente, encenação, mancomunação entre os dois para enganar o ingênuo fazendeiro, que ali se achava quedado, inerte ante seus alvos.

O agiota retira, de um móvel próximo, um pacote de cédulas, dele selecionando a importância de R\$ 20.000,00, ali contadas e entregues ao antigo dono. Antes que este guardasse o dinheiro no bolso da surrada calça de brim, o agiota exibe-lhe, exige-lhe um recibo, algo visivelmente conchavado, explicitando tratar-se da complementação do pagamento da casa vendida ao sr. CJ. Assinado o recibo, "expulsa-o", de sua residência, aos gritos de "Fora, rato!"

Vira-se para o fazendeiro, visivelmente vencido, confortando-o por um lado e aprisionando-o por outro. Uma malhada no ferro, outra na bigorna.

- Estás livre agora desse cafajeste, dessa peste...

Tomando de um papel à mesa, prossegue a conversa: - E você sabe também, meu velho amigo CJ, que somos mortais, todos temos família, daí você me assine essa promissória... Apenas formalidade... Juros baixinhos... O amigo me pague quando puder...

O fazendeiro assina mecanicamente o papel que lhe é apresentado, nauseado, abatido, retirando-se rapidamente do local. Com a ajuda e orientação de amigos, exigiu do vendedor velhaco a pronta assinatura da escritura, levantando, por outro lado, um empréstimo bancário em condições mais módicas, assim liquidando a promissória em poder do outro comparsa, de cujo ignominioso golpe fora duplamente vítima...



Da esquerda p/ a direita: D. Nhanhá, Sr. Alexandre e D. Josina

1868-2018

Sesquicentenário de nascimento do Revmº Pe. José Duque de Siqueira – A Comunidade precisa se irmanar e homenagear seu grande pastor - Nascido em 11/02/1868, em Ritápolis, Pe. José Duque, como todos sabemos, pautou o seu ministério sacerdotal pela virtuosidade, hombridez, edificação e imensurável fidelidade a Cristo, em particular como vigário local entre os anos de 1904 a 1955.

Transcorridos 60 anos de sua passagem para o Plano Divino, é ele uma figura viva, respeitada, lembrada carinhosamente pela população, seja pelo seu trabalho missionário (visitas pastorais rurais e urbanas, suas homilias, ensinamentos), seja pelos seus “causos”, “tiradas” e bem humorados chistes. Enfim, a memória sempre evocada, perenizada através da oralidade popular e pelo reconhecido rebanho cristão local, de quem Pe. José zelou ardorosamente durante meio século de paroquiano.

Será, ademais, um momento de integração entre as comunidades vizinhas e irmãs, como Ritápolis (terra natal de Pe. José, onde nasceu em 1868) e São Tiago (onde faleceu em 11/08/1955), podendo e devendo se estender ainda às comunidades de Resende Costa e Ibituruna, onde igualmente Pe. José atuou galhardamente. Uma homenagem justa, não só de cunho religioso-pastoral, mas de amplo envolvimento cultural local-regional, com a compilação, em livro de caráter biográfico-memorialístico, de sua marcante existência e extensivamente de seus popularíssimos “Causos”.

Poderes Constituídos, paróquia, instituições sociais e culturais, empresas, comunidade em geral estão convocados para a prestação de reverência a tão magna personalidade de nossa história.



Pe. José Duque e familiares

CEM ANOS DE UMA INOMINÁVEL TRAGÉDIA

No dia 13 de Setembro de 1916, o então arraial, estarrecido, sob o manto do horror, tomava conhecimento de uma atrocidade, inconcebível tragédia. E que se espalharia, celeremente, por vastos rincões, tomando repercussão regional e nacional. É que um de seus mais respeitáveis filhos e cidadãos, José Gabeth Júnior - por profissão mercador de gado, viajando constantemente pelos sertões na condução e transação de animais - levava seus sete filhos, todos menores, à morte, por envenenamento, através da medicina dissimulada de estricnina. Sua esposa, Dª Maria José dos Reis (Nhanhá), sobreviveria com sequelas, pois adulta e com maior resistência, ingerira o veneno, por último, após ministrá-lo aos filhos por indução do marido (segundo o marido era simples vermífugo, a ser aplicado por recomendação médica a toda a família, que se achava atacada de verminose). O próprio marido seria encontrado morto, pois também se envenenara no lugar “Pavuna”, onde residia a família vitimada.

Até hoje, não se sabe bem as razões do tresloucado ato, talvez passionais ou de algum surto psicótico, pois Gabeth dizia-se ameaçado, temeroso por sua família. A tragédia, tema de livros, textos jornalísticos e biográficos, ao longo do tempo, tem considerável material coletado, em especial pela Profª Maria Inês Vieira de Almeida, (sobrinha bisneta de Dª Nhanhá, titular da cadeira nº 24 do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, cujo patronesse é justamente sua tia bisavó Dª Maria José dos Reis) e ainda pela srª Ana Paula Lara.

Dª Nhanhá era natural de Itapecerica, MG, onde nasceu em 04/10/1883, filha de Sabino Firmino dos Reis e Maria da Glória Reis. Superando o quanto possível a tragédia familiar e social, que lhe vitimou a família, prestaria ela à comunidade sâo-tiaguense e regional, os mais relevantes serviços, em áreas como assistência social, catequese, formação e educação. Espírito de escol, fez da incomensurável dor um instrumento de promoção humana, ação social, sublimação, santificação. Foi professora primária, diretora de orfanato em Bom Sucesso, líder de vários movimentos e associações religiosas, em especial do Apostolado da Oração, além de dirigir uma escola de educação básica e ofícios artesanais em São Tiago. Qual a mãe e personagem bíblica, que assiste a imolação de seus filhos ou uma heroína extraída das tragédias gregas e da história universal, não fraquejou ante o martírio, aureolou-se em sua via crucis pela fé, catarse, oração, trabalho social e espiritual em prol da coletividade.

Entendemos que o ano de 2016 seja de reflexões, de homenagem a esta extraordinária figura de nossa história. Tão poucas pessoas, de nosso conhecimento, passaram pelo cadinho de tambores abrasador, apurando-se no sofrimento a mais fina prata, em doação ao próximo, à Igreja, à sociedade, como Dª Nhanhá Gabeth. Devemos tirar lições da dor, ainda que a mais lancinante, e como Dª Nhanhá, transmutá-la a serviço do próximo, nos postando como canais impolutos de Cristo junto à coletividade.

Dª Nhanhá faleceu a 03 de Maio de 1960, aos 77 anos, em São Tiago, sendo sepultada no Cemitério Paroquial.

Sobre Dª Nhanhá Gabeth, ver matéria em nosso boletim nº III - Dezembro/2007 “O sorriso da mulher de preto”.

1855-2015

160 anos da criação da Paróquia de São Tiago



Pela Lei Provincial Mineira nº 727, de 16/05/1855, a vila de São Tiago foi elevada à categoria de Freguesia, assinada pelo Presidente da Província Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, com a intermediação de D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana.

Augusto das Chagas Viegas em sua obra “Notícia Histórica do Município de São Tiago” informa que “Em 1824, já é capelão de São Tiago o Pe. José Mendes dos Santos, (1) de tradicional família desta região, que, por espaço de quarenta e quatro anos, isto é, até fevereiro de 1868, em que faleceu, foi o guia espiritual de seus jurisdicionados. Foi, pois, dentro de seu período (16 de maio de 1855) que São Tiago passou a freguesia, sendo ele, portanto, seu primeiro pároco” (op. cit. Pág. 14)

Anteriormente, pela Lei Provincial nº 452, de 20/10/1849, São Tiago fora desligado da Freguesia de Bom Sucesso e incorporada à Paróquia da Lage (Resende Costa), situação que perdurou por curto espaço de tempo (até 1855). Retrocedendo, ainda mais, quanto à história de nossa paróquia, lembramos que por alvará Imperial de 29/08/1825, portanto há 190 anos, era criada a freguesia de Bom Sucesso, formada pelas paróquias de Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo e São Tiago (desligando-as da Paróquia de São João del Rei – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar).

Externamos, por oportunidade, nossos cumprimentos ao Revmº Pe. Robson Rosa Cardoso, mui digno vigário, por sua sintonia e sensibilidade às manifestações memorialísticas, culturais e religiosas da comunidade, em especial as vinculadas à história e às seculares tradições de fé.

Eventos, como os programados para 2015, dentre outros, o 160º aniversário de instalação da Paróquia e o centenário de nascimento de Mons. Francisco Elói, devem e necessitam merecer o apoio de toda a paróquia, autoridades, instituições sociais e comunidade em geral.

NOTAS

(1) Sobre Pe. José Mendes dos Santos ver referências, em nosso boletim, nº LXXXII, Julho/2014 (matéria “Gabriel Mendes dos Santos”) e nº LXXVIII, Março/2014, (nota/matrícula “sacerdotes sepultados na Igreja Matriz de São Tiago”)

ICMS PATRIMONIAL CULTURAL

Sob o título “Um desafio e tanto”, a jornalista Cláudia Campolina (Jornal “Estado de Minas”, caderno “Pensar”, edição de 28/03/2015) aborda o tema das políticas de eficácia do ICMS Patrimonial Cultural, implantado pela Lei 12.040, mais conhecida como Lei Robin Hood, no âmbito dos municípios mineiros.

O objetivo da lei – a proteção dos bens culturais locais, com recursos do ICMS, em torno da cota parte de 1%, sendo Minas Gerais pioneira na municipalização da proteção do patrimônio cultural, representou em 2014, cerca de R\$ 77.970.211, 44 investidos na preservação da cultura e da história de nosso Estado.

Para fazer jus a esses recursos, o Município deve obedecer a critérios (cerca de 13, dentre eles política cultural local, educação patrimonial, inventário de proteção ao acervo cultural, planejamento, tombamento, ações de proteção etc.) estabelecidos em lei. Cabe ao Prefeito encaminhar, anualmente, ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha/MG) a documentação comprobatória de realização das ações previstas e que serão/são pontuadas, de acordo com os projetos desenvolvidos.

Em 2014, 433 municípios mineiros foram pontuados e já em 2015, serão 597 os municípios beneficiados. Chama a atenção o fato de que muitos municípios de pequeno porte, aproximadamente 500, não pontuam ou sequer se interessam em obter resultados (repasses) relativos ao ICMS Patrimonial Cultural. A autora do excelente texto enumera as causas do desinteresse e omissão dos prefeitos: “falta de vontade política, o baixo envolvimento da comunidade e o não comprometimento dos gestores municipais que ainda não se conscientizaram sobre a necessidade urgente de proteger os bens culturais de sua comunidade” E ainda “O interesse dos prefeitos exclusivamente nos recursos advindos do ICMS Patrimônio Cultural em detrimento da real proteção patrimonial”

A autora alerta para o fato de que, em muitos municípios, os trabalhos são interrompidos no ano eleitoral, pois prefeitos não investem ou param de destinar recursos ao patrimônio, isso porque acreditam que o fruto de seu trabalho será colhido pelo sucessor. No ano posterior ao eleitoral, é comum o administrador empossado interromper/obstruir projetos iniciados pela gestão anterior. Tal problema ocorre principalmente nas cidades de menor porte, cujos governos são extremamente centralizadores” “No pleito de 2012, cerca de 80% das administrações municipais eram ocupadas por adversários dos novos prefeitos. Faltou ação política para executar ações, cujos resultados seriam colhidos dois anos depois”

A autora sugere que as cidades – a fim de se verem livres desses deploráveis problemas, distorções administrativas inaceitáveis, frutos da politiquice interiorana – devam criar Fundos Municipais do Patrimônio Cultural, que são geridos pelo Conselho Municipal do Patrimônio, dispondo de autonomia legal e que podem dar sequência aos valiosos projetos de preservação da história e da memória do povo mineiro, a partir das comunidades.



ATIVIDADE RURAL E PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO DO SOLO

Aatividade produtiva rural necessita ser permanentemente prestigiada, valorizada, em especial em épocas de intempéries e incertezas climáticas – estiagens, secas, granizos – e agora com o preocupante quadro da escassez hídrica.

Não basta produzir alimentos; é necessário que a atividade agrícola seja rentável, possibilitando vida digna, saudável aos que mourem no campo, dentro de padrões de sustentabilidade e preservação ambiental.

Toda propriedade necessita de planejamento e gestão conservacionistas, de forma a proteger/conservar o solo e a aproveitar/aumentar o armazenamento hídrico. Medidas como construção de barragens, bacias; a preservação das áreas verdes, o reflorestamento de nascentes e ao longo dos cursos d’água; a defesa e proteção da vida silvestre são, dentre tantas, imprescindíveis. As consequências são inevitavelmente benéficas, com maior infiltração de água no solo, conservação e valorização dos biomas, produção de recursos hídricos a partir das bacias hidrográficas.

A degradação do solo nas propriedades rurais deriva de águas de chuvas que, ao invés de infiltrarem-se, abastecem os lençóis d’água subterrâneos (aquéferos), escoam pela superfície, as conhecidas e malfadadas enxurradas, causando erosão e a perda da camada fértil do solo. Grande parte dessas águas acabam provocando o assoreamento de rios e reservatórios.

A solução para os problemas da adversidade climática está – ou deveria estar - nas parcerias, com o envolvimento do poder público (alô autoridades!), organizações comunitárias e de produtores. Ações conjuntas, enfim, como:

- Investimentos em práticas conservacionistas (água e solo)
- Redução da erosão e do assoreamento de mananciais
- Readequação e manutenção correta das estradas vicinais, observando-se o impacto ambiental (abaulamentos, cortes múltiplos de enxurradas etc) de forma a se minimizar as erosões

Práticas conservacionistas do solo, segundo especialistas

a) **Práticas edáficas** – aprimoramentos/modificações nos sistemas de cultivo, melhorando a qualidade e fertilidade do solo, com o controle da erosão (combate às queimadas, uso da adubação verde, calagem do solo)

b) **Práticas vegetativas** – a utilização da vegetação para proteger o solo e todo o sedimento fértil contra a ação direta das precipitações hídricas, dos ventos; o florestamento da área e cobertura do solo com pastagens, cultivos em contorno, em faixas, cordões de vegetação permanente; faixas de retenção, uso de cobertura morta, rotação de culturas, cultivo/revolvimento mínimo do solo, plantio direto.

c) **Práticas mecânicas** – construção de terraços, canais escoadores ou divergentes, barragens e bacias de captação de águas pluviais.

Ao Boletim “Sabores e Saberes”

O Correio: 28.05.1930 - “Lamentável. Na tarde de quarta-feira passada, com a assistência de muitas pessoas, foram exumados no cemitério de São Gonçalo os corpos dos dois desventurados fiscadores que se empenharam porfiadamente em uma das betas no morro do Cassoco (...). Foram eles Oscar de Sousa e José Mancini (...) sobre ele desabaram enormes blocos de rocha, entupindo completamente da entrada da beta, de sorte que, só depois de longos e penosos trabalhos de remoção, foram encontrados os cadáveres Oscar de Sousa, natural de Ibituruna, filho do farmacêutico Teófilo de Sousa e de D. Raquel Benevenuto, professora do Grupo Aureliano Pimentel (...). Mancini, da Vila de São Tiago, também era casado e deixou quatro filhos.

O Correio: 08.05.41 – 5ª feira: “Domingo último, o Americano de São João veio a São Tiago para uma partida com o Tupinambás. Ficou no empate de 3x3. O Tupinambás, sem poder contar com Jasminor, jogou com o zagueiro Gostoso. Juiz: João Carvalho. Tupinambás: Gostoso, Nestor e Benjamim; Alberto, Miguel e Simão; Lavá, Olegário, Coruja, Paulo e Guaqué. (Vicente, São Tiago, 5 de maio de 1941).

O Correio: 8.5.1941, portanto, na mesma edição da notícia anterior, faz uma ampla reportagem sobre a visita que Dom Antônio Alves (sic) Cabral, arcebispo de Belo Horizonte, fez a São Tiago, em vista das bodas de ouro sacerdotais do Pe. José Duque de Siqueira.

O Arcebispo nomeou, na ocasião, o Conselho da Fábrica para dirigir o patrimônio da Igreja Matriz, que ficou assim constituído: presidente: Henrique Pereira Santiago; Secretário: João Batista dos Reis; Tesoureiro: Antônio Procópio de Resende; Conselheiros: Américo José de Castro; Antônio Campos Lara e José Jacinto Lara.

Obs.: Com certeza esse evento deve estar pormenorizado no Livro de Tombos, ou de Visitas, da Paróquia.

Pesquisador Antonio Gaio Sobrinho - 12/2/15 (a quem, mais uma vez, agradecemos)

A voz da memória que se cala

Sr. Pedro Coelho (1917-2015)



Com a morte do sr. Pedro da Silva Santos (Pedro Coelho), dia 23/05/2015, perde a memória de nossa comunidade e região a sua marcante voz. Foi o sr. Pedro, durante décadas, a referência de todos – moradores, pesquisadores, jornalistas, escritores, escolares – no tocante à oralidade, à memória e mesmo a história local/regional. Do alto de praticamente um século de vida, sumamente lúcido, alegre, existência laboriosa, dedicada à família, às suas atividades rurais e empresariais (concebido produtor de polvilho e cachaça, no passado), estava ele sempre disponível, afável, receptivo, seja na rua ou em sua residência, a todos os que o procuravam. Foi na juventude atleta, jogador do Tupinambás F.C. de nossa cidade, de quem era entusiástico torcedor.

Ao Sr. Pedro Coelho, muito devemos – nosso boletim e comunidade – a abordagem e resgate de temas, até então obscuros ou desconhecidos, como a saga de Patrício Lopes de Souza, sertanista são-tiaguense, que, em princípios do século XIX, ocupou o Noroeste paulista e áreas do atual Estado do Mato Grosso do Sul; dados sobre a Guerra do Paraguai, com a participação de recrutados em nossa região pelo Exército Imperial; “causos” pitorescos envolvendo vários vultos históricos de nossa comunidade, dentre eles Pe. José Duque, Cap. João Pereira, Cel. Modesto de Castro etc.

Concedia frequentes entrevistas e prestava depoimentos a jornalistas e imprensa em geral, inclusive em periódicos de circulação nacional, a escolares, historiadores, pesquisadores, e o fazia de forma hospitalar, espontânea, quase sempre com pitorescas tiradas e a mais sutil ironia. Já idoso, nonagenário, não abandonava a rotineira caminhada pelas ruas da cidade, o tradicional chapéu à cabeça, o impecável terno de brim, a frequência à missa dominical, a participação em eventos familiares e sociais e... uma pescaria, de que tanto gostava. Era o sr. Pedro, enfim, uma enciclopédia viva e a quem se pode aplicar o seguinte pensamento do escritor espanhol Ortega Y Gassett: “Quando morre um velho sábio, é como se uma biblioteca inteira fosse queimada”

Ao sr. Pedro a nossa inenarrável gratidão e apreço, a homenagem de toda a comunidade, em especial da posteridade, pois, através de suas informações, é que pudemos registrar inestimáveis fatos de nossa memória, oralidade e história. À Família, nossos reiterados sentimentos e solidariedade cristã.

CRÔNICA SEM TÍTULO (XI)

Jota D'Ángelo

Os dois homens tristes vieram de São Tiago sem sorrisos, sem conversa, sem conhecimentos ou relação. Dois homens sós. Seriam irmãos. Seriam amigos. Parentes talvez. Ninguém procurou saber. Os dois homens tristes (paradoxo) vieram cantar as melodias mais tristes que eles e mais antigas que a cidade visitada.

Além dos olhos perdidos sob pálpebras caídas, além da voz fanhosa e rouquenha, sumida como um gemido estrangulado na garganta, além das roupas enormes que lhes cobrem o corpo, sujas e rôtulas, os dois homens tristes trouxeram um violino e um violão. São instrumentos de museu, tóscos, arranhados, sonorizando notas sem nenhuma qualidade musical.

Há nestes dois homens uma poesia oculta que poucos surpreendem. Uma angústia que não se explica. Um poema de desespero não terminado. Um vestígio de coisa que se desmancha, de luz que se vai tornando penumbral, de noite assombrada, de dor que se advinha, vaga e indefinida.

Dois homens tristes cantaram à minha frente. No violino fantasma, no violão fanhoso, nas vozes-gemidos, nas roupas enormes, na mecânica de seus gestos, na barba crescida dos seus rostos, no não sentir de suas melodias, em tudo que deles fazia parte, eu vi lágrimas e esperanças: as primeiras brotando; as segundas, morrendo.

Gente que ria, mal pôde penetrar nestes segredos. Nos dois sonâmbulos de São Tiago estão todos os frustrados da terra, todos os que se apagam como realidade para viver de justificativas não fundadas; todos os fracassos humanos se retratam naquele violino contorcido em sons, luidriado nos seus objetivos mais puros. Mas gente que ria, e muita gente lhes digo, nada comprehende destes mistérios, porque no fundo, são como aquele violão inútil, como aquelas roupas rasgadas, como aquela tristeza desesperada dos olhos inexpressivos dos tristes da São Tiago.

Há certas coisas na vida que a gente devia observar de joelho. De joelho e chorando. Porque ninguém se conhece. Nem sabe o dia de amanhã.

NR: A crônica acima, autoria de Jota Dângelo, refere-se aos famosos tipos populares de São Tiago – “Tonico” e “Tinoco” músicos ambulantes, rotos (segundo palavras do cronista em passagem então por São João del-Rei)

Sobre “Tonico e Tinoco” ver matéria em nosso Boletim nº XIII de Out/2008.